
ORIENTAÇÃO

INSTITUTO DE GEOGRAFIA — DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

USP

7

SÃO PAULO — DEZEMBRO — 1986

Teoria da Geografia II

Texto 4

SILVA, Armando Corrêa da. "Fenomenologia e Geografia". In *Orientação* No. 7. S.

Paulo: USP - Instituto de Geografia, 1986. [53-56]

FENOMENOLOGIA E GEOGRAFIA

ARMANDO CORRÊA DA SILVA (*)

O uso da palavra *fenomenologia* apareceu pela primeira vez em Lambert (1764) que escreveu uma *Teoria da Aparência*, portanto, no contexto da Ilustração.

A partir daí muitos autores dedicariam uma parte de seus escritos ao assunto.

Em Kant, por exemplo, a Fenomenologia trata do "movimento e do repouso em sua relação com a representação" (Primeiros Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza). A aparência surge, então, como sinônimo de representação. É que, já aqui, é possível distinguir o fenômeno e a essência, ao que Kant dá uma solução original e particular, que influenciou bastante a Geografia.

Em Hegel, no seu *Fenomenologia do Espírito*, de 1807, a abordagem é diversa. Para ele, trata-se da "história das etapas sucessivas, das aproximações e das oposições pelas quais o Espírito se eleva da sensação individual até à Razão universal". A formulação baseia-se na concepção de dialética deste pensador, que dá importância primordial à Idéia.

Outro exemplo pode ser o de von Hartmann (1869), onde há o estudo da consciência moral. Para ele trata-se de fazer "um inventário o mais completo possível dos fatos da consciência moral empiricamente conhecidos, o estudo de suas relações, e a pesquisa indutiva dos princípios aos quais eles podem levar". Neste caso, a solução é de caráter mais objetivo do que as precedentes.

Uma referência deve ser feita a Marx porque sua Teoria do Conhecimento, continuada por Lenin, contrapõe-se a essas posturas. Marx elogiará, ainda no século XIX, a produção de Hegel mas combaterá o idealismo filosófico objetivo deste grande pensador. Para aquele que é considerado o fundador do materialismo histórico

"é a vida que determina a consciência, e não o contrário". Como se sabe, este é um dos postulados do moderno materialismo. Mas, Marx era um intelectual revolucionário, para o qual a Revolução passava pela elaboração da teoria da realidade seu tempo. Em Lenin há uma inversão dos termos: a teoria deve servir à causa da Revolução. Daí sua preocupação com o significado político da Teoria. Assim, em *Materialismo e Empiriocriticismo*, fará a afirmação segundo a qual "a consciência vem de fora", o que dá ao intelectual revolucionário um papel de destaque no processo social, visto que este tem acesso à Cultura.

Há uma consequência histórica dessas duas formulações: o chamado marxismo-leninismo desenvolverá, não uma Teoria das Idéias, mas uma Teoria das Ideologias, uma vez que ambos os autores se apoiam na concepção de reflexo. Em Lenin, há mesmo a postura de considerar a consciência um epifenômeno. (1)

Por um caminho paralelo, o marxismo-leninismo não desenvolverá também uma Teoria da Existência.

Ora, tanto a Teoria das Idéias como a Teoria da Existência, têm uma relação bastante íntima com a Fenomenologia.

Pode-se dizer que a Teoria das Idéias - apesar do trabalho mencionado de Hegel - está ainda por fazer, mas a Teoria da Existência foi desenvolvida pelo Existencialismo, com Heidegger, Merleau-Ponty, Sartre e outros.

Portanto, a questão que se coloca, em contraposição à crítica feita pelo materialismo, é a seguinte: "pode a consciência vir de dentro?". Em outras palavras: o que é a consciência? E, por extensão, o que

(*) Prof. Livre-Docente do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

(1) Epifenômeno é o fenômeno cuja presença ou ausência não altera o fenômeno que se toma principalmente em consideração.

é a idéia?. Existem objetivamente esses fenômenos? Se a resposta é afirmativa, então é possível realizar objetivamente seu estudo e, indo mais além, o de seus próprios conteúdos. Essa foi a tarefa a que se propôs Husserl.

A Fenomenologia do século XX.

Então, deve ser feita uma distinção entre as fenomenologias dos séculos XVIII e XIX e a que é iniciada no século XX.

Quando surgem as geometrias não-euclidianas, a teoria da relatividade e a teoria dos quanta inaugura-se uma nova concepção científica do mundo, à qual o marxismo-leninismo não dará inicialmente importância, chegando-se, com Stalin, a seu combate como "ciência burguesa".

Husserl será um dos primeiros a valorizá-la (1859-1938) defendendo um novo "modo de ver". É acompanhado nesse trabalho por Pfänder (1870-1941), Reinach (1883-1917), Geiger (1880-1942), Stein (1891-1942), Scheler (1874-1928), Heidegger (1889-195?) e N. Hartmann (1882-1950).

Esta é a chamada fase alemã, que é contemporânea da chamada fase francesa, com Marcel (1889-19?), Sartre (1905-198?), Merleau-Ponty (1908-1961) e Ricoeur (1913-19?).

A fenomenologia de Husserl é uma reação ao psicologismo e ao pragmatismo do final do século XIX e começo do século XX.

Diante das novas descobertas científicas Husserl afirma: "Tudo o que se tem por evidente não é senão pre-julgamento (. . .) Todos os pre-julgamentos são apenas obscuridades provenientes de uma sedimentação da tradição", ou seja, o homem raciocina sobre um mundo habitual. Husserl é contra o "objetivismo científico" do positivismo, que elimina o sujeito da análise e não, como se pensa, apenas separa sujeito e objeto. Assim, propõe um "novo modo de ver" que implica numa suspensão de todo juízo sobre o mundo natural, ponde esse mundo "entre parênteses". Por isso, os conteúdos da consciência passam a ser considerados neles mesmos, independentemente de pertencerem ao plano real ou imaginário, impossível ou ideal. Essa atitude permite que o sujeito apreenda o puro "fluxo vivido" podendo descreve-lo tal qual se apresenta à intuição. A consciência tem então uma *intencionalidade*, sendo *consciência de*. O método fenomenológico permite, para Husserl, a apreensão das essências, entendidas não como entidades abstratas e transcendentais, mas como "totalidades concretas" que fundamentam a existência das singularidades. Assim, a Fenomenologia seria uma

espécie de ciência prévia a todas as ciências, pois possibilitaria construí-las a partir da certeza. Husserl separa o sujeito psicológico do sujeito epistêmico, do conhecimento científico.

Tudo isto é típico do pensamento alemão.

Na França a tradição social dá uma ênfase diferente a essas questões.

Por isso, para Merleau-Ponty a Fenomenologia não é apenas um estudo de essências mas recoloca as essências na existência e procura compreender o homem e o mundo a partir de sua *faticidade*. Daí, a importância do corpo, como mediação entre a consciência pura e o ambiente, o que terá repercussão na Geografia atual.

Já em Sartre há uma ligação entre fenomenologia, existencialismo e marxismo. Para Sartre o existencialismo é um complemento do marxismo. É importante salientar a importância que dá ao sujeito, em seus trabalhos de filosofia, literatura, teatro etc. Ainda está por ser feita uma avaliação de sua contribuição.

O que é a Fenomenologia?

Modernamente, a problemática fenomenológica complica a análise do real quando propõe, à luz das novas descobertas científicas, não o estudo de forma e conteúdo, como consta de manuais de marxismo-leninismo, mas o estudo de forma aparente e forma real, conteúdo aparente e conteúdo real, o que abre caminho para novas descobertas.

A Fenomenologia pode ser considerada como um aspecto da teoria do sujeito. Como tal, deve apreender a forma aparente e real, o conteúdo aparente e real, ao nível das idéias, dos sentimentos, das representações, do comportamento e, principalmente, da vivência.

Epistemologicamente, é um método diverso do marxismo ortodoxo, que nele pode ver apenas uma modalidade de positivismo ou neo-positivismo. Para muitos marxistas, mesmo os analíticos, a fenomenologia, embora busque a essência, não chega senão à essência da forma. O verdadeiro conteúdo dos fenômenos dar-se-ia pelo método que vai do abstrato ao concreto.

Mas, vejamos como pode ser definida a Fenomenologia.

"Podemos distinguir na fenomenologia dois traços fundamentais. Em primeiro lugar, trata-se de um método que consiste em descrever o fenômeno, isto é, aquilo que se dá imediatamente. Como tal, a fenomenologia não se interessa pelas ciências da natureza e se defronta com o empirismo; também renuncia — e com isso põe-se em oposição ao idealismo — a tomar como ponto de partida uma *teoria do conhecimento*. Deste modo, vemos que, *como método*, representa uma atitude radicalmente

contrária a todos os traços que predominam no século XIX. Por outro lado, seu objeto é constituído pela *essência*, isto é, o conteúdo inteligível ideal dos fenômenos, que é captado em uma visão imediata: a intuição essencial (Wesensschau)." (Bochénski, 1955: 150).

"Husserl mostra-nos que as leis lógicas não são em si, de modo algum, meras regras, e que a lógica não é uma ciência normativa, embora, como ocorre com todas as ciências teóricas, sirva de base para uma disciplina normativa. E, de fato, a lei lógica nada diz sobre o "dever ser", mas sim algo sobre o "ser". O princípio da contradição, por exemplo, não diz que não seja possível formular dois juízos contraditórios mas, unicamente, que uma e a mesma coisa não pode possuir predicados que se contradigam. (...) O objeto da lógica não é constituído pelo juízo concreto de um homem, mas sim o conteúdo deste juízo, sua significação, que pertence a uma ordem ideal." (...).

Husserl "mostra que o universal nada tem que ver com uma representação generalizada. O que podemos nos representar quando entendemos um enunciado matemático, por exemplo, não tem maior importância. Locke, Hume e seus seguidores, em sua incapacidade de compreender os objetos ideais, hipostasiaram o universal, convertendo-o, de modo falso, a uma mera imagem". Isto é, transformaram o universal em substância. "Mas, não existe tal coisa. O universal é, na realidade, um objeto muito peculiar, um conteúdo ideal universal." (Idem: 154).

"Pretende Husserl chegar aos fundamentos de todas as ciências e em especial da filosofia, que se acha completamente desprovida de supostos prévios. A fonte última legítima de todas as afirmações racionais é para ele o ver, ou, como também se expressa, a consciência que *põe* originalmente. É preciso avançar para as *próprias coisas*. Esta é a regra. É a regra primeira e fundamental do método fenomenológico. É preciso entender por "coisas" simplesmente o dado, aquilo que "vemos estar diante de nossa consciência". (...) O método fenomenológico não é nem dedutivo nem empírico. Consiste em *mostrar* aquilo que se acha presente e em *esclarecer* o que se dá para nós. Não explica por meio de leis nem deduz à base de princípios, mas, apenas vê, imediatamente, o que se acha ante a consciência; seu objeto. Por conseguinte, tem uma tendência orientada totalmente para o objetivo." (Idem: 156).

"Husserl qualifica-se a si mesmo como positivista, já que pretende o fundamento do saber sobre o dado. Mas, segundo ele, os positivistas cometem erros graves que é preciso superar se queremos chegar efetivamente à verdadeira realidade. Os positivistas confundem, propriamente, o ver em geral com o meramente sensível,

empírico. Não compreendem que cada objeto sensível e individual possui uma *essência*." (Idem: 157).

Ao que parece, então, Husserl se situa na fronteira entre o positivismo e o neo-positivismo.

Fenomenologia e Geografia.

A tendência dos estudos fenomenológicos em Geografia é recente. Pode-se citar Yi-Fu-Tuan, que se dedica ao estudo do lugar, do ponto de vista do sujeito.

Anne Buthimer, no Canadá, é outra autora preocupada com o assunto.

Tonino Bettanini em *Espaço e Ciências Humanas* lida com o espaço do corpo, o espaço de vida e o espaço vivido.

Paul Claval, em *Principes de la Géographie Sociale* trabalha com a valorização subjetiva do território.

São, como se disse, tendências recentes.

Nos estudos científicos habituais, de várias tendências, que se poderiam classificar como procurando a verdade objetiva na realidade, através de métodos diversificados, o sujeito, enquanto idéia e existência é deixado de lado.

Uma das contribuições da Fenomenologia consiste, justamente, no retomar a subjetividade como tema de trabalho. Assim, são importantes a consideração da própria idéia (como em Husserl), ou a existência, como em autores existencialistas.

A tendência recente em Geografia, dos estudos fenomenológicos, procura apreender o significado do lugar, por exemplo, para os seres humanos. Isto é, o lugar não é apenas algo que objetivamente se dá, mas algo que é construído pelo sujeito no decorrer de sua experiência. Assim, o lugar é algo que sugere alegria, ou solidão, ou nostalgia, ou tensão. Trata-se de captar essas dimensões da realidade. Por isso, a realidade não o é apenas como dado objetivo, mas inclui a percepção do meio ambiente enquanto experiência vivida e sentida. Outra perspectiva é considerar o espaço do corpo. Ou seja, o corpo não termina objetivamente em seus limites físicos, mas se prolonga nas coisas e nas pessoas com as quais nos relacionamos. Por isso, é importante a habitação enquanto espaço vivido e em vivência. Também o espaço de trabalho referido ao corpo: "canto" onde desenvolve-se a atividade. Jogam aqui, com influência decisiva, as luzes e as sombras. Mas, não enquanto fenômenos objetivos, e sim através de sua percepção e das sensações que provocam em nós, o que remete os estudos fenomenológicos aos domínios do inconsciente e ao subconsciente.

Uma Geografia assim fundamentada preocupa-se

com os espaços da dança, da ginástica, do ritmo do corpo, do sagrado e do profano.

Não se trata de substituir os ensinamentos tradicionais por mais uma Geografia mas, principalmente, em tomar esse "novo modo de ver" (Husserl), como uma dimensão a mais em nossas preocupações científicas, embora essa revolução pós-behaviorista, no dizer de Paul Claval, tenha surgido como reação às geografias

preocupadas com o *homem econômico* e o *homem sociológico* que, como se sabe, foi uma reação aos estudos tradicionais, na tentativa de uma vertente que se mostrou insuficiente para dar conta da "época de incertezas" (Riccardo Campa) em que vivemos.

A perspectiva fenomenológica enriquece a Geografia, no rumo de uma busca de sua unidade em torno do ser humano, como ciência do homem que é.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

BOCHÉNSKI, K. W. (1955) La Filosofía Actual, traducción de Eugenio Ímaz, tercera edición, revisada, Fondo de Cultura Económica, México.

Enciclopédia Abril (1972) Fenomenologia, Abril Editora, São Paulo.

LALANDE, A. (1956) Phénoménologie in Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie, Presses Universitaires de France, Paris.